



## EXPERIÊNCIA COM A LEITURA E A ESCRITA NO PIBID

Rarielly Borges da Cruz  
Graduanda de Pedagogia  
UEG (UnU-Jussara)  
rariellycruz@gmail.com  
Bolsista do PIBID

Orientador: Prof. Dr. Wilson de Sousa Gomes

**RESUMO:** Esse relato de experiência tem como objetivo apresentar reflexões desenvolvidas durante a formação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na temática da alfabetização e nossas vivências no contexto escolar. Nesse processo buscou compreender como ocorre a aquisição da linguagem escrita pelas crianças. Com base Magda Soares (2023) as hipóteses de escrita, entendidas como etapas cognitivas que revelam o modo como os alunos pensam e constroem o conhecimento sobre a escrita caracterizam as fases pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. A autora defende que o professor precisa atuar como mediador, observando atentamente em que estágio cada criança se encontra, para então propor intervenções pedagógicas adequadas que estimulem a reflexão e a evolução da escrita. Durante as atividades do PIBID, foi possível perceber que práticas que valorizam a leitura, a escuta e a produção textual contribuem diretamente para o desenvolvimento das crianças. Assim, esse relato reforça a importância de uma alfabetização que respeite o ritmo de cada aluno e que reconheça suas produções como parte essencial do processo de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Aprendizagem Infantil. PIBID.

## INTRODUÇÃO

Aprender a escrever é uma das etapas mais importantes na vida escolar das crianças. A escrita não é algo que se aprende de uma vez. Ela exige tempo, prática e muitas descobertas. Cada criança tem seu próprio ritmo e passa por diferentes fases até conseguir escrever com segurança. Por isso, é essencial que o professor compreenda esse processo e saiba como ajudar seus alunos de forma adequada. Logo, esse relato de experiência tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre o processo de aprendizagem da escrita. Com base nos estudos da pesquisadora Magda Soares (2023)<sup>1</sup>, que é uma das principais referências na área da alfabetização no Brasil, compreendemos que a escrita não deve ser ensinada apenas como uma técnica de copiar letras e palavras, mas, como uma prática social que envolve pensar, compreender e se expressar.

<sup>1</sup>Ver também SOARES, Magda. Alfaletrar - Alfabetização e Letramento. In: Nova Escola – Youtube. Disponível em:

< <https://www.youtube.com/watch?v=oLzUcZS6dHc&list=PLfarCWFbZ2YbEypoe3g4NTyy8zflghulw> >. Lagoa Santa – MG: UFMG/Youtube, 2016.



As crianças, mesmo antes de saber escrever corretamente, já tentam entender como funciona a escrita. Elas criam ideias próprias sobre como os sons da fala se transformam em letras e palavras e essas ideias são chamadas de hipóteses de escrita. As hipóteses de escrita são divididas em quatro fases: pré-silábica, silábica (com e sem valor sonoro), silábico-alfabética e alfabética. Cada uma mostra um avanço no pensamento da criança. Durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tivemos a oportunidade de observar essas fases de perto. Ao realizar observações livres, observações diagnósticas, atividades didáticas, planejamento e execução de Semirregência na Escola Campo – Escola Municipal Professora Dolores Martins, percebemos a realidade de uma forma mais concreta e, visualizamos a importância de aliar teoria e prática.

Em nossa experiência no chão da escola através do PIBID, foi possível perceber como cada criança constrói sua escrita de forma única. Como o professor pode contribuir para esse processo oferecendo atividades que respeitem o ritmo de cada aluno e valorizem suas tentativas de escrita. Na aprendizagem inicial da língua escrita, no processo de desenvolvimento psicogenético, a criança percebe que não é possível escrever apenas com rabiscos, desenhos ou letras que não correspondem as palavras. Assim, em um processo dinâmico que, as vezes acontece em saltos há a aprendizagem da escrita, nesse momento é exigido do professor muita atenção e sensibilidade.

## **DESENVOLVIMENTO**

Ao participar do PIBID tivemos reuniões de estudos e formação. Nessas houve o momento de participar de várias atividades e conversas que ajudaram muito na nossa compreensão sobre como as crianças aprendem na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Um dos temas que mais me chamou atenção foi o das hipóteses de escrita e como as crianças se desenvolvem na fase da alfabetização.

Segundo Magda Soares (2023), uma importante pesquisadora da área da linguagem, as hipóteses de escrita são ideias que a criança cria para tentar entender como funciona a escrita. Essas hipóteses não são erros, mas sim, etapas naturais do aprendizado. A criança, mesmo sem saber escrever corretamente, já começa a pensar sobre como as letras representam os sons da fala. Isso mostra que ela está tentando dar sentido à escrita, o que é muito valioso. Essa forma de ver a escrita infantil é diferente da visão tradicional, que achava que a criança só

aprendia copiando modelos prontos. Hoje sabemos que ela é ativa nesse processo e constrói o conhecimento com base em suas experiências.

A partir da autora, aprendemos que essas hipóteses aparecem em diferentes fases. A primeira é a fase pré-silábica, em que a criança ainda não liga as letras aos sons e pode usar rabiscos ou letras aleatórias. Depois vem a fase silábica, quando ela começa a perceber que cada sílaba pode ser representada por uma letra ou grupo de letras, tendo valor sonoro ou não. Na fase silábico-alfabética, a criança mistura ideias das fases anteriores e começa a entender que as palavras são feitas de partes menores, chamadas fonemas. Por fim, na fase alfabética, ela já entende que cada som da fala tem uma letra correspondente e começa a escrever de forma mais próxima da escrita correta, mesmo que ainda com alguns erros<sup>2</sup>.

Essas descobertas nos mostraram como é importante observar com atenção o que a criança escreve e que suas produções revelam muito sobre o que ela sabe e como ela pensa. Com esse olhar cuidadoso, o professor pode planejar atividades que ajudem cada aluno a avançar, respeitando o momento de aprendizagem em que ele se encontra. É muito importante que o professor tenha conhecimento sobre essas fases e saiba interpretar o que a criança está tentando dizer com sua escrita, sem julgamentos ou cobranças exageradas. Assim, nas atividades de formação, estudos, observação e outras, do PIBID, tivemos a oportunidade de aproximar com um componente curricular do curso de Pedagogia

Na aplicação de uma atividade na Escola Campo, em sala de aula, na experimentação da realidade educacional, identificamos nos alunos da escola básica, em qual hipótese de escrita as crianças estavam. Em uma atividade didática, a proposta foi levar uma música, poema ou outro texto para a sala. Mediante o estudo, preparação, planejamento e organização, levamos a atividade para a sua realização com as crianças / alunos.

Durante a aplicação da atividade, foi possível observar que, embora as crianças pertençam à mesma faixa etária, apresentam diferentes níveis de desenvolvimento da escrita, evidenciando a diversidade de trajetórias no processo de alfabetização. Essa variação confirma que o avanço na escrita não está necessariamente vinculado à idade, mas sim às experiências individuais, estímulos recebidos e ao ritmo próprio de cada criança. A primeira criança encontra-se no nível pré-silábico, caracterizado pela ausência de correspondência entre fala e escrita. Seus registros são compostos por traços e rabiscos, o que, segundo Soares

---

<sup>2</sup> Idem.

(2023 e 2016), corresponde à fase da garatuja — uma etapa inicial em que a criança ainda não compreende que a escrita representa sons da fala, mas já demonstra intenção comunicativa.

A segunda criança já apresenta um nível silábico com valor sonoro. Ela utiliza uma letra para representar cada sílaba, sendo a maioria dessas letras vogais. Esse comportamento indica que a criança começa a perceber a relação entre os sons da fala e os símbolos gráficos, ainda que de forma incipiente e não convencional. A terceira criança também se encontra no nível silábico, porém sem valor sonoro. Embora utilize letras para compor suas palavras, essas não correspondem aos sons das sílabas que pretende escrever. Isso revela que ela ainda não compreende plenamente a função sonora das letras, mas já reconhece que a escrita é composta por unidades menores.

Por fim, a quarta criança demonstra estar no nível silábico-alfabético. Ela já consegue representar algumas sílabas com mais de uma letra, combinando vogais e consoantes de forma mais próxima à escrita convencional. Esse estágio indica uma transição para o nível alfabético, em que há maior consciência fonológica e domínio das relações entre fonemas e grafemas. Essas observações reforçam a importância de práticas pedagógicas que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem, oferecendo propostas que estimulem o avanço de cada criança em seu percurso de construção da escrita.

Abaixo apresento algumas imagens que reforçam o relato apresentado:



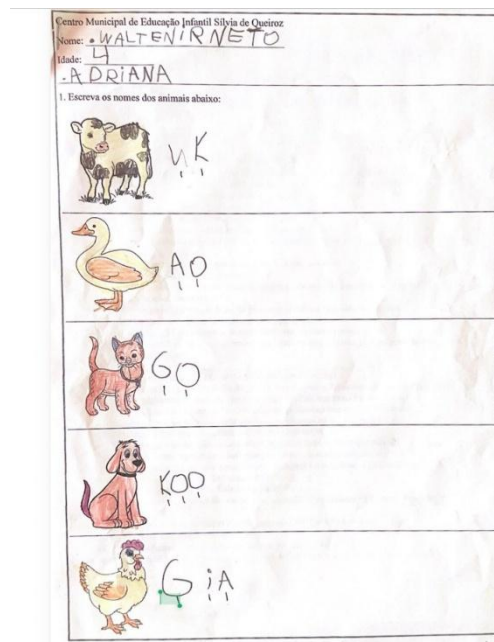
Imagem 1 e 2: PIBID/ Reunião de Estudos e Formação.

Fonte: arquivo pessoal.

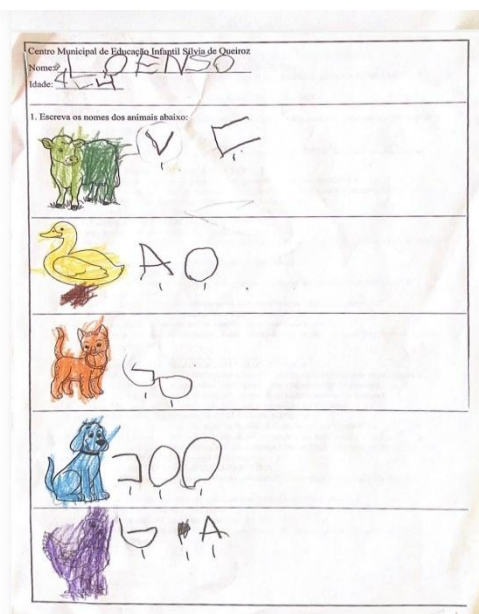




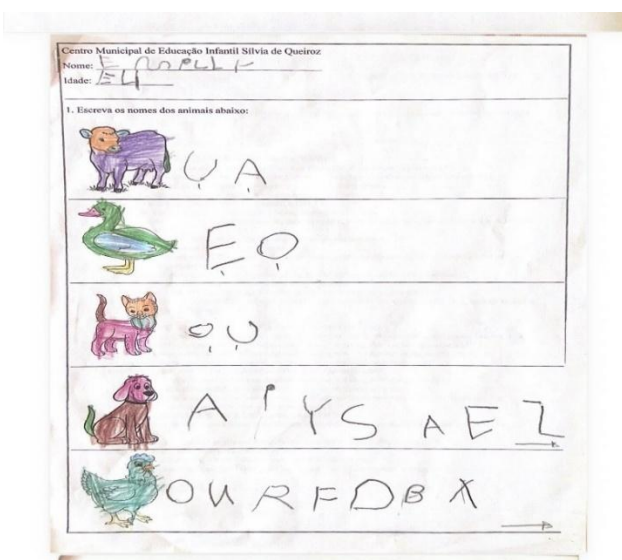
(Benício, 4 anos)



(Waltenir Neto, 4 anos)



(Emily, 4 anos)



(Lorenzo, 4 anos)

Imagem 3 e 4: PIBID/ Registro da atividade na Escola com os alunos.  
Fonte: arquivo pessoal.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada ao longo da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), proporcionou uma rica oportunidade de aprofundamento teórico e prático sobre o processo de alfabetização, especialmente no que se refere às hipóteses de escrita propostas por Magda Soares. A observação direta das produções infantis e a análise dos diferentes níveis de escrita revelaram o quanto cada criança constrói seu conhecimento de forma singular, reafirmando que a alfabetização é um percurso e não um ponto de chegada. Compreender que as fases da escrita pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética são expressões legítimas do pensamento infantil e não erros, transforma a prática docente em um exercício de escuta, acolhimento e mediação. O professor, ao reconhecer essas etapas como avanços cognitivos, torna-se capaz de planejar intervenções pedagógicas mais eficazes, respeitando o ritmo de cada aluno e promovendo uma aprendizagem significativa.

As atividades desenvolvidas durante o PIBID demonstraram que propostas lúdicas, contextualizadas e que envolvem leitura, escuta e produção textual são fundamentais para estimular o interesse das crianças pela escrita. Mais do que ensinar a formar palavras, alfabetizar é formar sujeitos capazes de pensar, criar e se expressar. Assim, este trabalho reforça a importância de uma formação docente pautada em fundamentos teóricos sólidos e em práticas sensíveis à realidade escolar. A atuação do professor como mediador consciente e atento às necessidades dos alunos é essencial para garantir uma educação humanizada, inclusiva e transformadora. A alfabetização, quando conduzida com respeito, afeto e intencionalidade, torna-se um poderoso instrumento de emancipação e construção de cidadania.

## REFERÊNCIAS

NOVA ESCOLA. Alfaletrar: Fase silábica sem valor sonoro e silábica com valor sonoro na alfabetização. In: **Nova Escola** – Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oLzUcZS6dHc&list=PLfarCWFbZ2YbEypoe3g4NTyy8zfiIghulw> >. Lagoa Santa – MG: UFMG/Youtube, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2023.



SOARES, Magda. As primeiras escritas da criança: do rabisco às letras. *In*: SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. 1.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

SOARES, Magda. Alfaletrar - Alfabetização e Letramento. *In*: **Nova Escola** – Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oLzUcZS6dHc&list=PLfarCWFbZ2YbEypoe3g4NTyy8zfIghulw> >. Lagoa Santa – MG: UFMG/Youtube, 2016.